

5

Análise dos dados coletados a partir do Mapa de microcontexto

Precisamos deixar claro que as análises mostram uma espécie de decupagem, que em filmagem significa a divisão da cena em planos, conceito esse que usamos como analogia ao tipo específico de decupagem posterior. Estamos trabalhando nessa análise com níveis ou planos que vão se ligar uns aos outros e que, para efeito de montagem para a apreciação dos dados em categorias (ou *tags*), não traremos para cada amostragem de *trailer*, cena, *script*, objetos, recursos e arte, todos os casos analisados em determinado categoria. Apenas traremos aquele caso que mais nitidamente exemplifica e melhor ilustra uma regularidade encontrada no campo. Seria demasiado alongado trazê-los todos em cada caso.

De acordo com a linguagem de fazer filmes, o "roteiro decupado" seria o último estágio do planejamento de um filme, e, portanto, o desenho mais didático para dar à equipe sobre o que ocorreu (decupagem posterior), visando a realização e organização do mesmo. Ajuda na indexação e na captura de cenas.

5.1.

Trailer de ações

Foram divididos os sujeitos surdos pesquisados em três grandes conjuntos de tipos de aulas (***trailer das ações***) dentro de uma perspectiva de letramento visual:

- 1) *Aula expositiva e Dialogada em língua de sinais* - com o uso mais tradicional de apresentação de assunto ou tema com incremento de imagens (*fotos, desenho, internet, slides, câmera, vídeo*) e da experiência de vida do adulto surdo (e ouvinte fluente em LIBRAS) no diálogo com os mais jovens – o aprendizado do aluno é o motor de planejamento da aula e o elo de ligação dos atores.
- 2) *Aula informatizada ou Videoaulas em língua de sinais* - *software livre, tablet, notebook, internet, vídeo* e outros meios como história em

quadrinhos, desenhos, jogos e representações - usa-se a perspectiva da arte computacional associada aos jogos para desenvolvimento – o desenvolvimento de tecnologias impulsiona os atores (ou um dos atores).

- 3) *Aula ou fílmica em língua de sinais com recursos cênicos (teatro, filme, internet, vídeo)*, o que corresponde à perspectiva da literatura surda e de adaptações que visam o protagonismo juvenil – a desenvoltura em ensinar por meio da produção de narrativas estimula jovens alunos e professores.

Dentro desses estilos serão apresentados exemplos de análise de *trailer*, de cenário, atividade (cena) e seus recursos (linguagem e *script*).

5.1.1. Exemplo de análise de trailer

Foram utilizadas marcações de tempo (minutagem) com a tradução (legenda) e anotações nas filmagens (*tags*) para serem demarcadas as características de estilo.

Por exemplo, na transcrição a seguir, de uma das entrevistas com cruzamento de dados da filmagem, em campo, na *Escola Belo 9*, destacaram-se **traços das pedagogias surdas**: 1. Visualidade; 2. Língua de sinais, performatividade; 3. A importância de contar estórias.

Esta dupla, de Instrutor Surdo e Professora de AEE ouvinte da Escola Belo 9, corresponde ao *trailer* três: *Aula dramatizada ou teatralizada em língua de sinais e recursos cênicos*. O estilo ou o modo de conduzirem a aula, por meio de um comodato equilibrado de ações, demonstra um dos atributos ou qualidade de um comunicador visual: a capacidade de síntese, de controlar, submeter, pré-visualizar a ação. O sinal nativo surdo “combina com” é desvendado na cena e cenário desta prática pedagógica (Escola Belo 9). “Combinar com” remete à imaginação do surdo, a sua capacidade de visualizar, e o conhecimento em linguagem corporal que é amplamente aplicado na coprodução de aulas do Instrutor Surdo e da ouvinte, Professora de AEE da sala de recursos da Escola Belo 9.

1 00:00:13,310 --> 00:00:15,801

Entrevista sobre planejamento de aula

2 00:00:15,550 --> 00:00:21,606

Olá, tudo bem? Meu nome é R. Este aqui é o meu sinal.

3 00:00:21,702 --> 00:00:24,182

Eu sou um instrutor aqui na escola [faz sinal da escola Belo 9]

4 00:00:25,094 --> 00:00:29,796.

Junto com a professora [faz sinal e a datilografia do nome da professora]

5 00:00:30,284 --> 00:00:35,785

Converso que às vezes eu percebo que os surdos não compreendem o que nós explicamos.

6 00:00:36,220 --> 00:00:43,204

Não conhecem algumas coisas sobre legumes, frutas ou sobre o que seja suco ou vitamina...



Figura 68 - Escola Belo 9: Diálogo em Libras sobre o desenho animado "Visita ao Mercado"

7 00:00:42,961 --> 00:00:45,649

Então nós [professor e instrutor] ficamos estudando "como poderíamos ensinar isto?"

8 00:00:44,736 --> 00:00:49,810

Então, nós pegamos o grupo e fomos visitar o "sacolão".

9 00:00:48,981 --> 00:00:53,301

Chegando lá, nós começamos a mostrar para os surdos as frutas, os legumes.

10 00:00:53,875 --> 00:00:56,866

Eles puderam perceber e começaram também a anotar os nomes.

11 00:00:57,252 --> 00:01:03,834

E trouxemos as imagens e fotos da visita como você pode ver aqui...



Figura 69 - Escola Belo 9: Fotografias de aula-passeio ao "Sacolão".

12 00:01:04,453 --> 00:01:10,956

O que iam conhecendo também iam anotando: a cebola, o abacaxi, a banana. Eles foram anotando tudo. Desenhando e escrita do português.

13 00:01:11,558 --> 00:01:17,727

Só em língua de sinais e também escrevendo algumas palavras em língua portuguesa.

14 00:01:17,553 --> 00:01:21,105

Quando nós voltamos para escola, com calma e num outro dia...

15 00:01:20,643 --> 00:01:26,635

Fizemos uma revisão sobre os sinais que a gente aprendeu, no "sacolão", juntamente com a turma naquela visita.

16 00:01:27,398 --> 00:01:40,303

Sobre os legumes, as verduras, as frutas, nós as separamos em quadros [mural] como você pode observar.



Figura 70 - Escola Belo 9: Cartazes com união de imagens e texto: “Frutas, verduras e legumes”

17 00:01:42,547 --> 00:01:45,198

Como você pode ver tem um LINK que vai ligando uma questão a outra.

O planejamento e a pré-visualização da aula fica claro com o *link*, sinal utilizado pelo surdo que mostra conexão ininterrupta, “linkagem”. Dentre as técnicas para a criação de mensagens visuais claras, o Instrutor Surdo demonstra a experiência direta, experimentando formas de seleção juntamente com a Professora Ouvinte. Também mostra a resolução do problema fundamental de uma composição visual, ou seja, a preocupação com o ordenamento das unidades de informação verbal e visual resultando na ênfase pretendida e na demonstração clara da mensagem. Esta característica de preocupação com a composição visual dos recursos a serem utilizados é prevista por ambos atores e diretores da prática da Escola Belo 9: o instrutor e a professora.

A partir de *trailers* da **Escola Belo 9**, foi possível elucidar os três momentos didático pedagógicos preconizados pelo MEC/SEESP (atualmente SECADI) em distribuir responsabilidades didático-pedagógicas ao Atendimento Educacional

Especializado (AEE) em Salas de Recursos (SR). No entanto ao verificarmos a propriedade de seu “esqueleto” de plano mais simples sobre os momentos a serem trabalhados em SR, foi necessário recriar e preencher esses três momentos pedagógicos com as vivências peculiares a realidade carioca, permitindo refutar a condição de que esses momentos pudessem ser vividos de modo independente.

Momento Didático Pedagógico	Organização Didática do Espaço	Estratégia de Ensino e recursos	Profissionais envolvidos
Momento em LIBRAS (L1) Este momento ocorre diariamente.	Uso de imagens e de referências que colaboram com o aprendizado dos conteúdos. Mural de gravuras e fotos sobre tema-aula	Interações contínuas em L1. Uso de recursos visuais (projetos de slides), de dramatizações (literatura, piada), de contextualização em L1.	AEE Sala de Recursos Instrutor Surdo
			
Não é momento estanque.	Implica a manutenção de espaço com mural, esquemas, vídeos. Itens regularmente contextualizados.	Requer acolhida de pontos de vista, liberdade de expressão dos alunos surdos.	Implica que os envolvidos pesquisem sobre os assuntos e que haja a definição do conteúdo curricular.

Quadro 4 - Escola Belo 9: Momento didático pedagógico em LIBRAS (L1)

O quadro anterior que se intitula Momento em LIBRAS (L1) pode se constituir em uma forma de registro de aparência “destacada”, ou “estanque”. Mas levando-se em consideração um corpo de atividades e estratégias que se destine à manutenção das características de componentes em L1 e em L2, pode-se operacionalizá-los de modo conjunto, em espaço-tempo e ação concomitantes.

Uma característica apresentada como estratégia metodológica típica do domínio experiencial do Instrutor Surdo da Escola Belo 9, com o estilo de

linguagem visual, é o uso de disparador de contraste: como se verificou na história em desenho animado, capturada no *YouTube*, intitulada de “Visita ao Mercado”. Neste desenho que mescla animação com objetos reais (marcas, produtos industrializados, legumes, frutas e verduras) há dois personagens contrastantes em suas figuras-personagem, em seus hábitos e comportamento: o anjo e o diabo. A Professora ouvinte se destaca oportunizando e selecionando materiais que vão ao encontro e até mesmo se antecipam a esta característica, pois a história mencionada foi selecionada pela professora ouvinte que a submeteu à opinião e posteriormente, à interpretação e adequação em LIBRAS do Instrutor Surdo.

Com mais ênfase, para demonstrar a pertinência no uso do contraste, pode-se presenciar uma cena, em relação a uma dúvida (na dinâmica dos encontros para apreciação e discussão das sequências) mencionada por outro Instrutor Surdo, de outra escola, sobre a capacidade de elaboração mental de um aluno. O Instrutor Surdo da Escola Belo 9 exemplifica ao colega de trabalho de outra escola que *é necessário usar imagens contrastantes e associativas, indicando que o colega de trabalho capturasse em revista, jornal ou no Google Imagens, alguns personagens como Chaplin e Hitler para que do aluno surdo partissem impressões de conhecimento ou desconhecimento, de localização no tempo e no espaço, da descrição possível sobre o que conhecia dos personagens. Em sintaxe da linguagem visual isso significa buscar (e avaliar) valor comunicativo, o que poderia alavancar e expandir conhecimento do leitor de imagens: sobre si mesmo, seu meio ambiente, o mundo, o passado e o presente. Pode-se, ainda, comparar intenções de quem seleciona a imagem e resultados, de quem irá interpretá-la, inclusive, colaborando para enxergar as elaborações dos alunos.*

Dessa preocupação com a linguagem visual a ser explorada depreende-se a organização da Língua Portuguesa escrita pela AEE. A imagem é buscada como elemento primordial, motivação primeira das aulas, conforme se verificara no complemento da entrevista e na filmagem da aula. A colaboração entre os profissionais de forma respeitosa e equilibrada é um fator que contribui ao planejamento e a execução das aulas. Esta relação harmoniosa é exceção encontrada em campo.

O número de recursos e de suportes observados em sua utilização nas três visitas à Escola Belo 9 compreende os seguintes:

1. Em linguagem: filme, fotografia, desenho, língua de sinais, língua portuguesa, dramatizações.
2. Em recursos: computador, projetor, livro, caderno, blocão (*flipchart*), quadro, mural.

Foram apenas três escolas que utilizaram um número tão variado de recursos e suportes em uma única aula, repetindo essa variação durante as três incursões, notando-se a veracidade, a frequência e o domínio de seus usos. Neste caso, fica reforçada a ideia de centralidade da imagem, no entanto, os hibridismos de matrizes são percebidos na variedade utilizada de recursos, o que alavanca o transitar entre o sonoro, o visual e o verbal, trazendo o potencial das três matrizes para cada um dos objetos elaborados.

Os surdos e alguns dos ouvintes cumprem o esforço (e o reforço visual) de complementar, de relatar, de expressar e de interpretar o verbal por meio da própria língua de sinais, por fotografias e imagens, por meio de uma narrativa (em língua oral, escrita ou em sinais) com modelos tridimensionais em maquete e vídeo. É a máxima aproximação para obter, o mais exato possível, da realidade, da composição verbo-visual. Esse é um aspecto forte e central a ser evidenciado.

19 00:01:53,200 --> 00:01:57,576

E ali os surdos foram compreendendo e chegaram à frase escrita.



Figura 71 - Escola Belo 9: Escrita coletiva e individualizada de frases a partir de imagem (fruta, legume, verdura, "sacolão", mercado etc).

20 00:01:58,682 --> 00:02:05,038

Claro que isso não é rápido, do dia pra noite... Mas foi aos poucos, com muita estratégia, flexibilidade e ...

21 00:02:02,233 --> 00:02:11,411

Em um trabalho de ensino a gente pode fazer esses tipos de adaptações e de planejamento... Juntamente com a professora fomos organizando e separando imagens.

22 00:02:12,262 --> 00:02:18,152

"O que eram os alimentos bons [saudáveis] e ruins para a saúde?"



Figura 72 - Escola Belo 9: Lista de alimentos saudáveis e não-saudáveis em slides (uso de notebook e projetor) e em cartazes (uso de murais e paredes).

23 00:02:12,365 --> 00:02:24,237

Conseguimos fazer esta organização a partir deste LINK...

E eu juntamente com a professora da sala de recursos fui planejando.

24 00:02:24,346 --> 00:02:25,862

E fazendo este desenvolvimento para melhora da turma.

O trabalho de *linkagem* da língua de sinais para a língua portuguesa se beneficia desse percurso de pensar a imagem como veículo do mais icônico ao mais simbólico. Lembrando que a imagem pode ser signo indicial, indicador, ou seja, um índice; e há imagem com carga simbólica aproximada ao verbal. O que se pretende evidenciar, no caso da Escola Belo 9, são as elaborações mentais das mais simples às mais complexas permitidas pela dinâmica das aulas. A imagem e a língua podem representar o concreto, já o mais abstrato é alcançado de maneira indireta por imagens atreladas ao verbal, e nesse sentido a conjunção das imagens com a língua de sinais (L1) privilegia o acesso aos conceitos mais complexos.

A seguir, o momento em Língua Portuguesa (L2) planejado em separado, mas levando em consideração o corpo de atividades e estratégias conjuntas para o assunto a ser trabalhado (momento didático em L2 expresso também nesta análise de trailer, como já mostrado anteriormente o em L1). Verificamos que o funcionamento em L1 e L2, na dinâmica de aula, é ação concomitante, de fluxos contínuos. O texto escrito em L2 é absorvido cognitivamente de modo sequencial e linear, palavra após palavra, recebida de forma sucessiva. A percepção do surdo advém da simultaneidade de elementos visuais onde tudo é gerido ao mesmo tempo,

detalhes com igual intensidade do todo, portanto, a abundância linguística e imagética das aulas da Belo 9 torna a elaboração conceitual possível.

Momento Didático Pedagógico	Organização Didática do Espaço	Estratégia de Ensino e recursos	Profissionais envolvidos
Momento em Língua Portuguesa escrita (L2) Este momento ocorre diariamente.	Uso de recursos imagéticos que possibilitem <i>link</i> de elementos da L2: Vocabulário pertinente ao tema; Painel de situações contextualizadas.	Interações contínuas em L2 escrito. Uso de ampla estratégia dos usos da L2 de modo a oferecer variadas situações discursivas visando o uso e a estrutura da L2.	AEE Sala de Recursos Instrutor Surdo
			
Não é momento estanque.	Implica a manutenção de espaço com mural, esquemas, cartazes, onde os alunos observem a escrita do que for vivenciado. Sempre pertinentes aos temas trabalhados e regularmente renovados.	Implica desenvolver a compreensão gramatical, textual. Recursos e estratégias que envolvem a comparação entre L1 e L2.	Implica que os envolvidos pesquisem sobre amplo acesso textual [vários formatos] em L2 mediada pela L1.

Quadro 5 - Escola Belo 9: Momento didático pedagógico em Língua Portuguesa escrita (L2)

Estes exemplos são de organização de aulas que se emoldura no estilo 1, aula expositiva em língua de sinais, com o uso mais tradicional de apresentação de assunto ou tema com incremento de imagens (fotos, desenho, internet, slides, câmera, vídeo didático). A Escola Belo 9 traz os elementos da tradição, do

planejamento de aulas, da parceria entre as partes (Instrutor Surdo e Professor), e principalmente, de uma ação dialogada.

Da colaboração entre pesquisador e pesquisados elaboramos o quadro de fluxo de criação de plano de aula das escolas, a partir da filmagem das Escolas Belo 9, Gel 6 e Tim 6, tentando recriar os passos desses atores. Estamos diante de um trio de escolas mais tradicional, o que não significa valoração de qualidade dos recursos criados (como melhores ou piores, ideais ou ajustados ao que se espera) ou a eficiência de resultados de aprendizagem. Apenas é possível trazer a observação de que cumprem o modo clássico de se pensar uma aula, de se conceber uma rotina de escola, o que se repetiu em todas as visitas a campo.



Figura 73 - Escola Belo 9: Edição da filmagem para apreciação conjunta de Instrutores Surdos, AEEs e Professores de Classe Especial de surdez da rede municipal.

Vale ressaltar que os Instrutores Surdos, desta primeira etapa de análise, categorizados em aulas do estilo 1, não estão cursando formação em Ensino Superior. O destaque maior está na consciência do fazer pedagógico presente no Instrutor da Escola Belo 9, o que recai no seu relato de intensa imersão em grupo de evangelização de surdos, no qual realiza trabalhos de doutrina, teatro, orientação aos mais jovens e às crianças surdas. As aulas de estilo 1 possuem professoras regentes que trouxeram a sua experiência de docência de forma nítida, influenciando e auxiliando no crescimento dos Instrutores Surdos.

5.1.2. Exemplo de análise de cenário

No quesito de disputas para o equilíbrio de poder, e nas interações necessárias para uma mobilização medianamente autônoma do Instrutor Surdo, as escolas *Gel 6 e Tim 6* tornaram-se, diferentemente da Escola Belo 9, pontos frágeis dentro do projeto de escolas-piloto de Educação Bilíngue voltadas à surdez.

Em ambas as escolas o fator desencadeante da descontinuidade de uma rotina mais favorável eram as faltas (pouca assiduidade) do contratado surdo, que por sua vez possuía filhos em idade escolar, tendo a empresa terceirizada colocado a instrutora em locais distantes (um do outro), mesmo considerando que eram escolas dentro de uma mesma CRE territorialmente grande (com longas distâncias a percorrer para o deslocamento entre as escolas).

Somado a isso, a baixa assiduidade do Instrutor Surdo provocava na Professora regente de uma das escolas, a *Gel 6*, professora fluente em LIBRAS e portanto, *a priori*, menos necessitada de uma parceria, uma baixa tolerância ao contratado surdo o qual considerava com pouca iniciativa. Na outra escola, a Professora regente da *Tim 6* mostrava uma baixa expectativa quanto à atribuição do Instrutor Surdo. Ela, com longos anos de trajetória, já concluía o planejamento sem solicitar ao surdo adulto a sua colaboração para conceber as atividades, apenas dando a este instrutor a função de apoio à tradução por meio da LIBRAS. Essa tradução, no dizer nativo, era o mesmo que cumprir a função de “dicionário ambulante” porque, ao não dominar a língua de sinais, a professora precisava de seu auxílio. A segunda professora possuía benevolência às faltas.

Podemos registrar e analisar que a interação deste Instrutor Surdo com os alunos, bem como a sua contribuição ao planejamento do momento didático de LIBRAS obtiveram crescimento em número de ajudas oferecidas e aceitas pelas duas professoras regentes. Com o passar de dois anos, foi possível observar criatividade na execução de somente duas aulas, no entanto, outros fatores se somaram à problemática: 1. A falta de autonomia dada às escolas dessa região, culminando em uma espécie de descrédito para algumas das atribuições de AEE, principalmente, quanto à autonomia de suas decisões: busca de alunos surdos na região, encaminhamentos junto aos familiares e a comunidade; 2. A dissolução da parceria com o Instrutor Surdo, mesmo este já estando mais estabilizado quanto a

sua aceitação e havendo uma diminuição de faltas. Processo esse que culminou na demissão do Instrutor Surdo pela empresa terceirizada, que mostrava indícios de não considerar solicitações dos contratados: pedido de menor distância entre a lotação em escolas.

Voltando aos aspectos positivos das práticas pedagógicas, por exemplo, na contação de história na *Escola Gel 6*, destacaram-se **traços das pedagogias surdas**: 1. Visualidade; 2. Língua de sinais com a performatividade surda; 3. Importância do humor; 4. Importância de contar histórias como parte das pedagogias surdas. Quando a este último item, podemos citar a história intitulada “Amigos”, da autora Helme Heine, narrativa que estava inserida na apostila da rede municipal e que foi traduzida e adaptada de L2 para L1, sendo introduzidas imagens, o uso de classificadores na língua de sinais e a própria ampliação vocabular em língua de sinais durante a contação da estória.

Em relação às imagens, o processo de pensá-las foi reconstituído para elucidar: 1) A habilidade das imagens e da linguagem dramatizada representarem palavras ou situações na estória; 2) A situação narrada em L1 simular a “linkagem” com objetos e situações em slides (fotos, desenhos, máscaras, brinquedos), do contrário, seria impossível ensinar o que a imagem na narrativa realmente parece com a coisa presente no mundo real; 3) As imagens, dentro da narrativa, possuem características da cultura surda (o modo de narrar, o uso de humor, o uso de classificadores, da datilologia), de modo que possibilitasse interpretá-las simbolicamente.

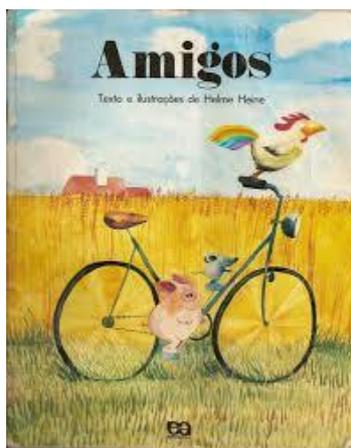


Figura 74 - Escolas Gel 6 e Tim 6: Livro “Amigos” do acervo da Sala de Leitura de ambas escolas em ampliação aos cadernos pedagógicos.

Momento Didático Pedagógico	Organização Didática do Espaço	Estratégia de Ensino e recursos	Profissionais envolvidos
<p>Momento de LIBRAS</p> <p>Este momento ocorre diariamente.</p> <p>Possuem variados formatos e linguagens:</p> <p>- Oficina em língua de sinais e uso de classificadores – com incremento de imagens.</p>	<p>Uso de recursos midiáticos adquiridos para Escolas-piloto.</p> <p>- Filmadora, projetor de slides, telão.</p>	<p>Estudo contínuo da LIBRAS.</p> <p>Na contação de estórias:</p> <p>- Uso de referências visuais, parâmetros da LIBRAS e uso de classificadores.</p> <p>- Uso de datilologia (alfabeto manual).</p>	<p>AEE Sala de Recursos</p> <p>Instrutor Surdo</p> <p>Professor de Classe fluente</p> <p>Intérprete de LIBRAS</p>
			
<p>Identificação, organização deste momento na sala de recursos e em oficinas em classes comuns.</p>	<p>Implica a manutenção de acervo com adaptação, tradução de Português para LIBRAS.</p>	<p>Implica no estudo da LIBRAS.</p>	<p>Precisa ter conhecimento e fluência na LIBRAS.</p>

Quadro 6 - Escola Gel 6: Momento didático pedagógico de Língua de Sinais (L1)

No aspecto cultural, o número e a qualidade das interações (corporais, emocionais, sociais) que foram estabelecidas no processo interpretante ao se inserirem os componentes humanos e materiais, foram especialmente pertinentes. A narrativa da história foi compreendida pelos alunos surdos à medida que interagiam e adensavam de imediato a própria narração, se incorporando a história, sendo mais um personagem, conforme proposto pela dupla de atores adultos, Instrutor Surdo e Professora regente. A narrativa era adensada, intensificada pela inconfundível marca da língua de sinais conjugada aos

brinquedos paulatinamente inseridos nas cenas; jogos, máscaras e brinquedos serão analisados a seguir, em outro tópico.

Antes disso, foi percebido que o Instrutor Surdo inseria, em menor intensidade que a professora regente fluente em LIBRAS, **algumas estratégias no letramento, identificadas como elaboradas pela regente ouvinte:** 1. Uso da soletração em alfabeto digital (datilologia) com estrutura de encadeamento - SINAL - PALAVRA IMPRESSA – SOLETRAÇÃO; 2. Uso de legendas em língua portuguesa: o Instrutor Surdo usou em maior intensidade em meio à narrativa: 3) Uso de “Sanduíche” - SINAL -SOLETRAÇÃO – SINAL. Em alguns momentos percebeu-se que a datilologia e/ou o “sanduíche” atrapalhava a fluidez da narrativa e a professora regente teve a sensibilidade de deixar em primeiro plano a iniciativa da Instrutora Surda, que conseguia fazer uma ponte mais intensa com o olhar do aluno surdo. A regente, também fluente em LIBRAS, aos poucos, durante a narrativa, abandonou a iniciativa de mostrar a grafia de palavras nos slides ou murais.



Figura 75 - Escola Gel 6: Slide apresenta o parágrafo da estória e imagens com palavras. A dramatização é da Instrutora Surda e aluna surda.

O que pensa e sente esse aluno surdo pode ser observado em suas reações (que não são objeto dessa análise), por meio da varredura feita pelo olhar investigativo do pesquisador acrescido pela própria manifestação do Instrutor Surdo e do Professor regente que verificam a necessidade de síntese para combinar: 1. Menor número de imagens (com maior qualidade e mais centralizada na tela); 2. O conhecimento da linguagem corporal (a sua própria, de adulto, e a do aluno, criança surda); 3. A tomada de imagens com o processo de imaginação: o uso de classificadores, de brinquedos, da língua de sinais (L1) em maior ênfase do que o uso da L1 durante a narrativa. Aos poucos a L2 precisou ser colocada em segundo plano naquela proposição.

O número de recursos e de suportes observados em sua utilização em apenas uma das visitas da Escola Gel 6 compreende aos seguintes:

1. Em linguagem: filme, fotografia, desenho, brinquedos, língua de sinais, datilologia de algumas palavras na língua portuguesa, dramatizações.
2. Em recursos: computador, projetor, livro, caderno, apostila, brinquedos construídos com o aluno.

A conexão entre linguagem e recursos utilizados mostra um problema identificado em parte dos materiais produzidos por surdos e ouvintes - apesar da seleção de imagens ter se aperfeiçoado em termos do que melhor representa o objeto, comunica a mensagem e favorece o ato interpretante (o que é dependente do conhecimento da cultura com a qual se interatua), os aspectos técnicos de composição de impressos e de slides são passíveis de ser melhorado.

Momento Didático Pedagógico	Organização Didática do Espaço	Estratégia de Ensino e recursos	Profissionais envolvidos
<p>Momento de LIBRAS</p> <p>Este momento ocorre diariamente</p> <p>Possuem variados formatos e linguagens:</p> <p>- Oficina dramatizada ou teatralizada com recursos cênicos com o uso da experiência de vida do surdo.</p>	<p>Uso de recursos midiáticos adquiridos para Escolas-piloto.</p> <p>-Filmadora, projetor de slides, telão, DVDs.</p>	<p>Estudo contínuo da LIBRAS.</p> <p>Requer acolhida de estórias produzidas traduzidas e/ou adaptadas pelos instrutores.</p>	<p>AEE Sala de Recursos</p> <p>Instrutor Surdo</p> <p>Professor de Classe fluente</p> <p>Intérprete de LIBRAS</p>



Identificação, organização deste momento na sala de recursos e em oficinas em classes comuns.	Implica a manutenção de acervo em LIBRAS e tradução, adaptação e criação de estórias.	Implica a elaboração própria de Instrutores e colaboradores fluentes.	Implica que os envolvidos pesquisem sobre a LIBRAS e a Cultura Surda.
---	---	---	---

Quadro 7 - Escola Gel 6: Momento didático pedagógico de Língua de Sinais (L1).

O problema fundamental é de composição, do ordenamento das informações verbais e visuais, da composição tipográfica, do projeto em andamento que neste caso seria a narração de uma história, da arte-final em slides, das fotografias e dos desenhos utilizados, em cores, do número de cenas ou fotos em um mesmo slide. Para que a ênfase que se deseja se expresse mais claramente ao que se destina, ou seja, às interações da cena e à compreensão da narrativa, é preciso ter em mente: roteiro, recursos narrativos, incluindo o humor, o conflito, os questionamentos, o conteúdo em si e a identidade visual dos slides (estilo, unidade visual).

Com a discussão coletiva da filmagem, em se tratando de uma pesquisa-ação, pode-se ver a diminuição de legendas, textos e a ampliação das imagens - e também o aumento do uso da língua de sinais durante a narrativa - como se vê na diferença entre o quadro quatro (4), o quadro três (3) e a figura 88: menos texto, as imagens foram ampliadas, o detalhamento de cena mais importante com o uso de classificadores e maiores interações com os alunos surdos.

Novamente, é possível constatar o cumprimento do modo clássico de se pensar uma aula, de se conceber uma rotina de escola, o que foi observado nas visitas a campo. A estabilidade do fluxo de criação de plano, das etapas, auxilia positivamente a produção das aulas.



Figura 76 - Escola Gel 6 e Tim 6: Edição da filmagem para apreciação conjunta de Instrutores Surdos, AEEs e Professores de Classe Especial de surdez da rede municipal.

O complicador do cenário da Gel 6, que se repete na Tim 6, foi a baixa adesão do Instrutor Surdo ao projeto, o que não era por total responsabilidade de suas decisões, mas de um cenário mais amplo: das disputas de mercado pela empresa terceirizada de contratação de Instrutores e de Intérpretes, da forma de tratamento desigual da empresa privada e das instâncias de gerência pública em relação ao papel dos AEEs e às dificuldades enfrentadas pelos Instrutores Surdos, em relação à autoridade exercida pelos regentes, com pouca participação dos surdos.

Na observação da *Escola Tim 6*, o detalhamento das atividades e dos recursos usados na abordagem de uma mesma contação de história - “Amigos” - com a participação do mesmo Instrutor Surdo que trabalhava também na Escola Gel 6, é exemplo que estará presente ao final do próximo tópico.

5.2. Atividade (cena) e seus recursos (linguagem e *script*)

A experiência das escolas públicas municipais do Rio de Janeiro corrobora com exemplos a noção de variação de signos e os problemas do poder de

representação. Eles foram verificados a partir do repertório experiencial dos surdos para decodificação de mensagens.

Fazemos um paralelo entre os recursos de linguagem e *scripts*. Podemos verificar o uso cuidadoso da imagem e, nesse caso, as ilustrações deixam o assunto mais claro, fortalecendo o desenvolvimento de hipóteses sobre a prática pedagógica.

As escolhas de tarefas e de imagens empobrecidas em atividades da apostila escolar não suprem o desencadear do pensamento e as ações relacionais necessárias para decodificação dos assuntos por parte dos alunos surdos. Abordamos exemplo presente no estilo 1: Aula expositiva em língua de sinais - com o uso mais tradicional de apresentação de assunto ou tema com incremento de imagens.

5.2.1.

Exemplo de análise de atividade (cena) e seus recursos (linguagem e script)

Exemplo de Atividade Belo 9

Ao trabalhar com descrição de espaços de casa em atividade pedagógica os alunos não se saíram bem em tarefas do seguinte tipo:

- a. No material impresso, o desenho de cômodos de uma casa para descrição.*

Veja o roteiro e descreva a gravura.



a) Onde está a menina?

b) O que ela está fazendo?

c) Onde ela deixou seus chinelos?

d) Onde estão guardados os seus brinquedos?

e) O que tem na estante?

f) O que se vê pela janela?

Figura 77 - Escola Belo 9: Fotocópia apostila e/ou livro didático.

A Professora ouvinte e o Instrutor surdo desenvolveram um planejamento diante dos inúmeros questionamentos e de respostas inadequadas aos exercícios. Na sala de aula encontrava-se no mural o seguinte caminho percorrido.

b. No mural, a planta baixa de cômodos de uma casa com e sem objetos.



Figura 78 - Escola Belo 9: Fotos plantas no mural.

c. Fotografias de construção da casa de um aluno.



Figura 79 - Escola Belo 9: Slides de projeção com fotos de construção de casa

d. Desenho, feito pelo próprio aluno, da planta baixa de uma casa de com objetos.



Figura 80 - Escola Belo 9: Desenho e/ou esboço planta baixa produzida por aluno

- e. Recortes de imagens de objetos de cômodos colados na planta baixa de uma casa.*



Figura 81 - Escola Belo 9: Foto da colagem de objetos de cômodos em planta baixa

- f. Escrita de palavras que envolvem o relato sobre o cômodo de uma casa.*



Figura 82 - Escola Belo 9: Fotos da exploração por meio da L1 para narrativa de cena ocorrida em cômodo de casa para em seguida fazer registro em L2

- g. Escrita de frases descritivas sobre a cena observada no cômodo de uma casa.*

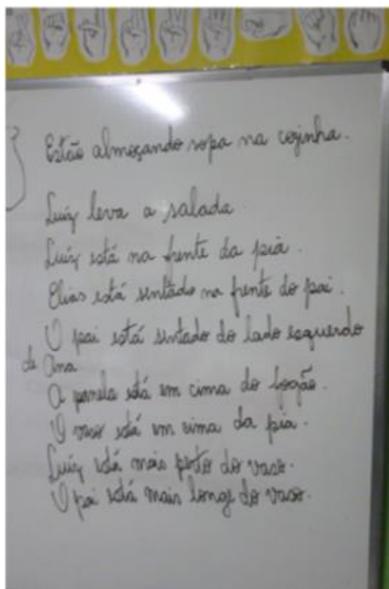


Figura 83 - Escola Belo 9: Foto de quadro branco com o registro da narrativa de descrição coletiva em língua portuguesa escrita, L2.

Após esse percurso, já na apostila, o retorno à tarefa de descrição de modo individualizado com o emprego da escrita em língua portuguesa, linguagem verbal.



Figura 84 - Escola Belo 9: Fotocópia apostila e/ou livro didático

O que se depreende disso é que a parceria entre o Instrutor Surdo e a Professora ouvinte fornece maiores oportunidades de seleção de imagens, de pensar as representações possíveis por meio de imagem, o que é característico de alfabetismo ou letramento visual - a busca pela clareza da imagem e do conteúdo da mensagem, revelando a preocupação com o fim a que se destina cada signo selecionado (de imagem e de texto). Lembrando que o signo é algo que não é o objeto em si, e só pode funcionar como signo se carregar o poder de representar. A

natureza escolhida de linguagem e pensamento oferece um encadeamento associativo de ideias para o entendimento da situação vivida pelos alunos surdos da Escola Pública Municipal *Belo 9*.

Há uma complementaridade entre o verbal e o visual nas situações elaboradas por estes dois atores, Instrutor Surdo e Professora ouvinte, o que ajuda a criação de mensagens mais consistentes, unificadas: o que precisa ser apreendido fica de fato universalizado e as estratégias de ensino ficam nitidamente diferenciadas, ou com os elementos de ensino ampliados. A isso se refere o poder figurativo do visual e do entrelace do visual com o verbal quando agem de forma complementar, ou seja, ao compor sentidos e significados compartilhados, ao colaborarem mutuamente com a informação a ser instigada e, ao mesmo tempo, tornando o poder de ambos, do visual e do verbal, tão equivalentes de modo que se determinem reciprocamente, gerando tanto uma circularidade sobre os signos, quanto uma afirmativa ou contributo de comprovação por meio de recursos diferentes visando mostrar e explicar melhor alguma coisa (tema, tópico, assunto).

Exemplo de Script da Escola Belo 9

Destacaram-se *estratégias e valores das pedagogias surdas*: 1. Uso do diálogo; 2. A importância do humor; 3. Objetividade do discurso. Destaque para a regularidade e a repetição da narrativa sobre a experiência de vida do Instrutor Surdo quando criança, essa característica pertence à dialogia nas aulas. Este *script* “sobre a experiência de vida do surdo” se repete na maioria das escolas.

00:11:13,140 --> 00:11:18,551

[O instrutor passa a informação aos surdos:]

Viu o que eu estava falando? O pai e a mãe não deixa pegar em dinheiro para comprar nada e também não falam que tem um Real....

00:11:19,333 --> 00:11:20,794

Não fala que tem que trazer troco. Então, não conhecem. Dá dois reais, não sabem o troco. Dá um real, não sabem...

00:12:10,535 --> 00:12:21,872

[Instrutor chama a atenção dos surdos para um relato pessoal:]

Olha, eu... Quando eu tinha seis, 13, 14 anos como vocês aqui... Eu não sabia que tinha dinheiro.

00:12:22,712 --> 00:12:29,152

Eu pegava o dinheiro e ia no supermercado, jogava o dinheiro todo [teatraliza a cena de jogar dinheiro no balcão do caixa de mercado].

Eu não sabia! Não tinha a menor noção.

00:12:31,267 --> 00:12:34,898

[Aluno surdo comenta] Eu não sei isso aí não. Eu não sei.
00:12:29,225 --> 00:12:36,256

[Atividade com encartes de supermercado]
Agora, a distribuição de encartes para cada aluno.
00:12:38,395 --> 00:12:41,683

[Dentro do contexto, o aluno surdo sinaliza o não-saber:]

Olha, eu sou surdo, então, eu não sei.

00:12:43,855 --> 00:12:55,173

[Verifica o que falta na contagem do aluno para completar o valor solicitado]
Pega [moedas] R\$1,65 que está faltando para completar os R\$3, 90.

00:12:54,649 --> 00:13:00,062

Olha, está certo... [parabeniza o aluno]. Olha, às vezes tem dinheiro que eu não sei.

00:13:00,832 --> 00:13:03,713

Às vezes tem que tirar o dinheiro [O instrutor sinaliza que é preciso contar, recontar, fazer conta, diminuir, ver se é pouco, se é muito. A professora entra na dialogia].

Os recursos em cena são: o diálogo em Libras, projeção de moedas e cédulas, réalias em moedas e cédulas, encartes de mercado.



Figura 85 - Escola Belo 9: Sequência de interações em bidocência sobre sistema monetário.

Compreende-se, na filmagem, a dupla intervenção, em uma espécie de bidocência fecunda, bem sucedida. Porém as vivências de infância relatada pelo Instrutor Surdo dão o mote para a saída do aluno do lugar do “não-saber”.

00:13:59,578 --> 00:14:01,425

[Informações do instrutor com relato de sua experiência de surdo:]

Antigamente eu não sabia isso também...

00:14:04,303 --> 00:14:11,123

Oh, eu não sabia o valor das coisas. A minha irmã brigava comigo, puxava a minha orelha. Brigava comigo em casa, que eu tinha que estudar...

00:14:12,177 --> 00:14:19,997

Brigava que eu tinha que saber fazer conta. E eu vinha na escola...

E aí quando eu vinha à escola... Eu fui aprendendo...

00:14:18,146 --> 00:14:22,427

[Pergunta do aluno:]

Antigamente, você era pequeno?

[Responde o instrutor:]

Eu era mais ou menos do seu tamanho

00:14:24,386 --> 00:14:32,268

Eu não sabia os valores. Não sabia, por exemplo, como que eu tinha que pagar.

Eu pegava qualquer dinheiro e jogava. Pronto!

00:14:33,420 --> 00:14:34,273

Eu não sabia contar, eu não sabia isso...

00:15:14,414 --> 00:15:20,016

Então, por exemplo, vamos escolher três (3) produtos que dê até 5 reais. Menos...

O que se pode comprar?

A narrativa é gerida a partir da acolhida da expressão dos alunos surdos, como também do humor com o qual o Instrutor Surdo lida com a inexperiência dos alunos surdos em relação ao tema: *“E isso aqui? É só nota (cédula)? Só isso que é dinheiro? Está babando, não é? Calma, fica calmo. Quando vocês crescerem também vão ganhar salário...”*

00:15:23,737 --> 00:15:33,628

Eu, por exemplo, estou indo no supermercado...

Eu só estou com esse valor aqui no bolso.

00:15:34,612 --> 00:15:42,688

Aí eu vou no supermercado... Aí eu vou ver...

Ah, isso aqui custa... Ah, isso aqui é muito caro, não dá.

00:15:43,414 --> 00:15:45,184

[Professora ouvinte abre espaço para o instrutor mostrar situações-problema]

00:15:46,016 --> 00:15:49,836

Ah então, vamos ver... Isso aqui, deixa eu ver...

00:15:58,767 --> 00:16:03,895

[Instrutor, a frente, mostra situação da passagem de produtos no caixa]

Digita, soma... Quanto é que dá isso tudo?

00:16:04,918 --> 00:16:10,253

[Instrutor mostra mais sobre a situação mercado]

A mulher [caixa] fica somando, batendo assim. É isso mesmo...

00:16:42,497 --> 00:16:46,402

"Sou pobre, não tenho dinheiro. Só tenho isso..." [instrutor simula situação de pouco dinheiro].

Utilizadas experiências de vida e acesso a uma variedade de proposições por meio viso-gestual-tátil.

Momento Didático Pedagógico	Organização Didática do Espaço	Estratégia de Ensino e recursos	Profissionais envolvidos
Momento em LIBRAS (L1) Este momento ocorre diariamente.	Uso de imagens e de referências que colaborem com o aprendizado: Cédulas e moedas de verdade (sacos de moedas e cédulas trazidos do banco). Cédulas e moedas fotocopiadas impressas e projetadas em slides. Encartes de revistas com produtos de supermercados da região.	Interações contínuas em L1. Uso de recursos visuais de ensino tais como: Apresentar cédulas e moedas reais com projetor de slides. Trabalhar com dinheiro de verdade Vivenciar situações, vivências pessoais. Comparar valores e produtos que posso comprar / O mais barato / o mais caro/ o troco.	AEE Sala de Recursos Instrutor Surdo Professor de Classe fluente Intérprete de LIBRAS
Não é momento estanque.		Implica no estudo dos termos em L1. Requer acolhida de expressão dos alunos surdos.	

Quadro 8 - Escola Belo 9: Momento didático pedagógico em Língua de Sinais (L1)

A natureza escolhida de linguagem e pensamento foi capaz de produzir: 1. Meios de ação, experimentação; 2. Conexões em cadeia (das mais simples, a mais complexas).

00:20:08,253 --> 00:20:16,774

Olha... só até isso

[Escrito no quadro a proposição: Produtos até cinco reais]

00:20:48,565 --> 00:20:59,599

Isso aí dá para comprar com cinco reais?

Então, corta.

00:21:27,344 --> 00:21:37,354

Você é quem sabe. Você é que quer... Você está fazendo compra no mercado.

Você está olhando o produto e colocando no seu carrinho.

00:21:38,321 --> 00:21:40,506

É o que você quer! Você está junto com a sua mãe fazendo compras no mercado?

00:21:41,465 --> 00:21:52,468

Então, você é que está escolhendo... Você não pode assim [perguntando para a mãe] "é isso, aquilo, aquilo outro?"

Você tem que saber o que você quer...



Figura 86 - Escola Belo 9: Recorte em tag (categoria) experimentação / diálogo: Simulação de cálculos em compras.

00:21:54,734 --> 00:21:56,622

E você está querendo comprar o que?

O planejamento da Escola Belo 9 é do tipo explícito, com objetivos claros e mesclam como diretores de cena e autores de *script* tanto o Professor regente ouvinte quanto o Instrutor Surdo. Há um equilíbrio extremamente nítido, nas aulas documentadas, entre as atuações.

Exemplo de Atividade Tim 6 e Gel 6

Ao trabalhar com texto “Amigos”, da autora Helme Heine, sem ilustrações no caderno pedagógico, as salas de recursos propuseram as seguintes adaptações:

- a. *No material impresso da apostila, o texto não possuía imagens, desse modo, a Tim 6 criou inserções de imagens frase a frase, símbolos (setas) para dar ideia de movimento, destaques de figuras coloridas para enfatizar palavras-chave (fruta, cereja, caroços, sementes).*

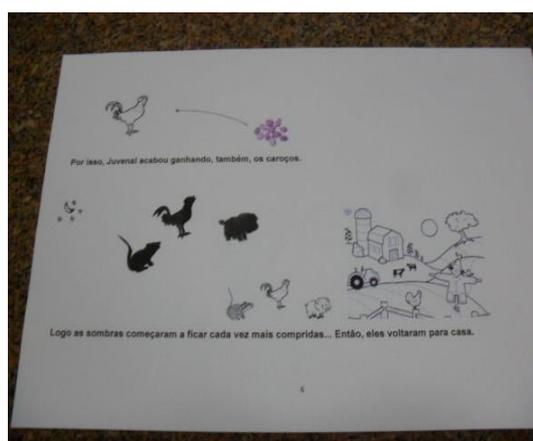
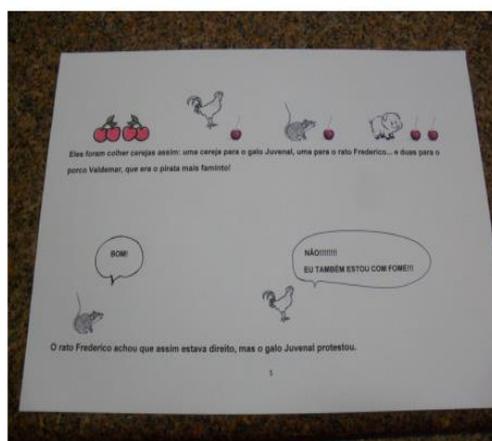


Figura 87 - Escola Tim 6: Apostila com adaptações (ampliação) à estória “Amigos”: inserção de imagens, setas, balões ou caixas de diálogo.